

# Seria a capacidade de um país de gerar e distribuir renda determinada por sua estrutura produtiva?

*Dominik Hartmann, Fraunhofer IMW e University of Leipzig; Cristian Jara-Figueroa e Cesar Hidalgo, the MIT Media Lab*

**Décadas atrás, o economista Simon Kuznets** propôs um relacionamento em forma de U inverso, que descreve a conexão entre o nível de renda de um país e o seu nível de desigualdade de renda. A curva de Kuznets sugere que a desigualdade de renda aumentaria primeiro e depois diminuiria, de acordo com o movimento da renda de um país de níveis baixos a altos. Entretanto, essa relação inversa não consegue se manter quando vários países latino-americanos são removidos da amostra, e o lado mais alto da curva de Kuznets desapareceu nas décadas recentes, na medida em que a desigualdade em muitos países de baixa renda aumentou. Essas constatações minam a robustez empírica da curva de Kuznets e indicam que o produto interno bruto (PIB) *per capita* é uma medida de desenvolvimento econômico que é insuficiente para explicar variações de desigualdade de renda. **Portanto, novas medidas de desenvolvimento econômico fazem-se necessárias.**

Estudos recentes argumentam que a desigualdade depende não somente da taxa ou estágio de crescimento de um país, mas também da qualidade de seu crescimento e de suas instituições. Portanto, deveríamos esperar medidas de desenvolvimento econômico mais diversas e graduadas, tais como aquelas que se concentram nos tipos de produto exportados por um país, para fornecer um entendimento mais aprofundado sobre a ligação entre desenvolvimento econômico e desigualdade de renda, para além das limitações de medidas agregadas de resultados, como o PIB. Uma dessas medidas é o Índice de Complexidade Econômica (*Economic Complexity Index* – ECI), que é uma medida da intensidade de conhecimento de uma economia, expressa pelos tipos de produtos que fabrica. Os mais complexos são produtos químicos sofisticados e maquinário, enquanto os menos complexos são matérias-primas ou produtos agrícolas simples. Um país é considerado complexo se exporta não apenas vários produtos diferentes, mas também produtos altamente complexos. Países como a Arábia Saudita, Chile e Gana dependem de um número limitado de produtos simples que exploram seus recursos naturais, tais como petróleo cru, cobre ou cacau e, portanto, têm um ECI baixo. Ao contrário, países como o Japão, Coreia do Sul e Alemanha exportam uma grande diversidade de produtos altamente complexos, como *microchips*, medicamentos e peças de carros sofisticados. Logo, seu ECI é muito alto.

Hartmann et al. (2017), utilizando análise de regressões multivariadas, demonstram que a complexidade econômica é um preditor significativo e negativo de desigualdade econômica e que essa relação é robusta no controle de medidas agregadas de renda, instituições e capital humano. Praticamente todas as economias que possuem uma estrutura produtiva diversificada e sofisticada tendem a ter níveis relativamente baixos de desigualdade de renda, ao passo que todas as que são altamente dependentes de produtos simples tendem a ter altos níveis de desigualdade econômica.

**Mas por que as economias complexas têm níveis mais baixos de desigualdade econômica?** Acadêmicos de várias disciplinas diferentes argumentam que a desigualdade econômica depende de vários fatores, desde as dotações de fatores, geografia e instituições de uma economia até suas trajetórias históricas, mudanças na tecnologia e ganhos de capital. Hartmann et al. (2017) argumentam que uma explicação possível para a associação entre complexidade econômica e desigualdade de renda é que as estruturas produtivas representam uma expressão de alta resolução de vários desses fatores, das instituições até a educação, que coevoluem com as exportações de um país e com a inclusividade de sua economia. Como resultado dessa coevolução, as estruturas produtivas são associadas não apenas com renda e crescimento econômico, mas também com a distribuição de renda. Por exemplo, economias pós-coloniais que se especializaram em um conjunto pequeno de produtos agrícolas ou minerais tendem a ter distribuições mais desiguais de poder político, capital humano e riqueza. Em contrapartida, produtos sofisticados, tais como dispositivos de geração de imagens médicas ou componentes eletrônicos, são normalmente produzidos em economias diversificadas que exigem instituições mais inclusivas. Ademais, economias complexas dependem de uma ampla rede de



trabalhadores qualificados, que são melhor remunerados e têm maior poder de negociação que trabalhadores sem qualificação. Por fim, economias diversificadas tendem a ser associadas com melhor distribuição de poder políticos (e níveis mais baixos de captura política de benefícios econômicos e arrendamentos) que economias que dependem de poucos recursos de exploração de recursos.

Em um estudo relacionado, Hartmann et al. (2016) compararam [as limitações estruturais da desigualdade econômica entre a América Latina e economias asiáticas de alto desempenho](#). Os autores argumentam que, apesar de programas sociais recentes – tais como programas de transferência condicionada de renda – terem tido um impacto positivo na redução da desigualdade de renda na América Latina durante os anos 2000, a maioria das economias da América Latina permaneceu dependente de produtos simples e de resultado da exploração de recursos. Conseqüentemente, uma vez passado o *boom* das *commodities*, vários países da América Latina sofreram com a crise econômica global ao mesmo tempo em que desenvolveram uma crise institucional. Ao contrário, durante as últimas décadas, várias economias asiáticas combinaram políticas sociais e econômicas, diversificando-se em produtos mais complexos. Não por acaso, também têm sido mais resistentes às crises econômicas.

As constatações desses dois estudos sugerem que políticas sociais, por si só, podem não ser capazes de modificar o nível de desigualdade de renda de um país para além dos valores esperados da estrutura produtiva daquele país.

*Referências:*

HARTMANN, D.; GUEVARA, M.; JARA-FIGUEROA, C.; ARISTARÁN, M.; HIDALGO, C. A. "Linking Economic Complexity, Institutions and Income Inequality." *World Development* 93, p. 75-93, 2017.

HARTMANN, D.; JARA-FIGUEROA, C.; GUEVARA, M.; SIMOES, A.; HIDALGO, C. A. "The structural constraints of income inequality in Latin America." 40. Washington, D. C.: Inter-American Development Bank, 2016.